

## O PAPEL DO OUTRO EM CRÔNICAS DE RUBEM BRAGA

Rafaela Godoi Bueno Gimenes  
Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon (Orientador)

### RESUMO

Este trabalho visa à análise de duas crônicas de Rubem Braga em que há a importante presença de uma outra pessoa. Esta será aqui denominada como um "outro" que pode ser tanto um amigo pedindo conselhos sobre seu duradouro tormento como ainda uma senhora culta contando suas insatisfações na vida. Ele, o outro, será justamente aquele que fará, muitas vezes, o eu de Braga adentrar em assuntos íntimos; sendo, portanto, a inspiração da crônica, já que toda ela será desenvolvida a partir dos questionamentos ou do desconsolo de outrem. O amigo e a senhora, já citados, cujas respectivas crônicas são "Aproveite sua Paixão" e "Acontece que Deus é grande", têm a possibilidade, vale notar, de serem ambos fictícios. Como levaremos em conta, por exemplo, a questão da publicidade da crônica em jornais ou revistas e alguns dos apontamentos sobre a intimidade feminina e masculina, tal análise tem como base teórica as noções de público e privado apresentadas por Jürgen Habermas em *Mudança estrutural da esfera pública* e em *A transformação da intimidade* de Anthony Giddens.

**Palavras-chave:** Rubem Braga; público; intimidade.

As crônicas de Rubem Braga, normalmente publicadas em jornais e revistas, elevaram, segundo Candido e Castello (1964, p. 359), esse gênero “ao nível da mais alta categoria literária”. Apesar de ser aparentemente fácil, sabemos que a crônica é de difícil definição e, até mesmo, delimitação; principalmente se comparada a outros gêneros, como o conto. De modo geral, a crônica seria, de acordo com Arrigucci Jr. (2001, p. 52), “um relato ou comentário de fatos corriqueiros do dia-a-dia”. Assim, as crônicas de Braga, por retratarem justamente o dia-a-dia, pela presença de uma linguagem cujo tom assemelha-se a um batepapo entre amigos e por sua estreita relação com a imprensa, de alguma forma, aproximaram o leitor do escritor. Esta proximidade pode ser notada em duas de suas crônicas: “Acontece que Deus é grande”, presente em *Um cartão de Paris*, e “Aproveite sua paixão”, do livro *As boas coisas da vida*. Como base, esta análise tem alguns dos estudos de Habermas sobre a esfera pública e a privada; o autor, logo de início, preocupa-se em definir o termo “público”; em uma de suas definições, o público corresponde a determinados eventos que sejam “acessíveis a qualquer um” (HABERMAS, 1984, p. 14), pois é “à luz da esfera pública [...] que aquilo que é consegue aparecer, tudo se torna visível a todos” (HABERMAS, 1984, p. 16). A outra esfera, a privada, “é o particularizado, o separado, no sentido do privativo” (HABERMAS, 1984, p. 19). Sendo assim, quando as crônicas do velho Braga foram publicadas e ficaram ao acesso do público-leitor, esse contato diário ou semanal ocorreu. É exatamente neste caso que o artigo pretende trabalhar: quando uma determinada pessoa entra em contato com o escritor e é respondida através de crônica. Pois, como Jürgen Habermas notou, as relações entre autor, obra e público, desde o final do século XVIII, sofreram modificações: “[...] tornam-se relacionamentos íntimos entre pessoas privadas, onde os interesses de ordem psicológica se orientam para o ‘humano’, tanto para a introspecção quanto para a empatia mútua entre as pessoas privadas interessadas.” (HABERMAS, 1984, p. 67).

Como já foi dito, um dos motivos que explica a intimidade que o leitor acredita possuir com o cronista e que o leva a enviar cartas íntimas, reclamando do amor ou clamando ajuda, diz respeito à linguagem das crônicas de Rubem Braga que é considerada “simples e comunicativa” (ARRIGUCCI JR, 2001, p. 55). O que dá, muitas vezes, a sensação de um narrador que “fala consigo mesmo, que fala sozinho, ou à amada ou a um amigo do peito” (ARRIGUCCI JR, 1999, p. 149). Candido e Castello fazem observação semelhante quando comentam que a linguagem das crônicas de Braga é revestida de um tom coloquial: “[...] primeiro de quem conversa consigo mesmo, depois com o amigo íntimo ou a pessoa em dado instante querida, finalmente, com o leitor desconhecido.” (ARRIGUCCI JR, 1999, p. 149). Neste sentido, o público tende a pensar que os acontecimentos narrados por Braga são verdadeiros e que ocorreram com o próprio autor. Outro possível motivo dessa proximidade seria a publicação de crônicas em jornais, pois foi, ainda segundo Arrigucci Jr., “num meio que se diz isento, direto, breve, múltiplo e de linguagem transparente” que surgiu “uma figura humana densa, particular, cheia de sutilezas expressas em linguagem poética, convidando o leitor a se deter sobre o instante, a incorporá-lo a si como coisa íntima e sua.” (1999, p. 153). É partindo disso que podemos analisar como esse outro adentrará no universo do cronista. No início de “Acontece que Deus é grande”, o eu da crônica esclarece que recebeu a carta de uma senhora culta que não deseja nada além de contar sua insatisfação na vida. Essa senhora será a inspiração da crônica, pois é a partir de sua missiva que alguns assuntos “perigosos” serão abordados, como religião e morte. Logo depois, o eu de Braga faz uma observação significativa comprovando aquilo que já foi comentado:

Recebo a carta de uma senhora evidentemente culta; uma carta de quem não deseja precisamente nada, a não ser contar sua insatisfação na vida. Quem escreve em jornal ou revista está habituado a esse tipo de correspondência; protegida pelo anonimato,

uma pessoa que se sente solitária e triste vem entreabrir sua alminha para o cronista, numa vaga ânsia de compreensão e apoio. (BRAGA, 1997, p. 111)

Para o narrador, um dos motivos do envio da carta é esse desejo por entendimento, visto que o cronista é aquele que, por falar de sentimentos íntimos, é percebido como uma espécie de “entendedor dos males do coração”, ou da própria vida.

Giddens (1993, p. 146), ao trabalhar a transformação da intimidade, possui duas importantes definições do que ela seria. A primeira define a intimidade como sendo “acima de tudo uma questão de comunicação emocional, com os outros e consigo mesmo”. Já a outra supõe que “significa a revelação de emoções e ações improváveis de serem expostas pelo indivíduo para um olhar público mais amplo” (GIDDENS, 1993, p. 153-54). Assim, quando a culta senhora envia a carta a Rubem Braga, uma tentativa de comunicação com o outro é iniciada e, contrariando, de certo modo, as definições de Anthony Giddens sobre o que seria a intimidade, houve a “revelação de emoções” a um “olhar público mais amplo”. Já que a missivista foi “exposta” pelo narrador da crônica. Ele afirma que “o simples fato de escrever a um estranho, embora anonimamente, lhes parece uma grande ousadia, algo de pecaminoso, talvez ridículo, talvez censurável” (BRAGA, 1997, p. 112). Pode-se também imaginar que, muito provavelmente, o conteúdo dessas cartas não seja de fácil revelação nem mesmo a um padre em lugares extremamente privados, como é o caso do confessorário, pois, no decorrer da crônica, vários indícios parecem demonstrar que um dos assuntos constantes desse tipo de correspondência é a solidão, muito provavelmente, amorosa. São mulheres infelizes em seus relacionamentos com homem, sentindo só solidão e tédio; são mulheres que solitárias ou aflitas se fecharam em “sua própria timidez, pudor ou orgulho”. Vergonha

de contar seus males, timidez ou orgulho demais para admitir qualquer imperfeição a um padre, mesmo que a boca dele seja um túmulo.

Em seguida, temos uma revelação: “Um tópico muito comum neste gênero de cartas: ‘Já várias vezes pensei em lhe escrever, e outras vezes escrevi, mas rasguei a carta.’” (BRAGA, 1997, p. 112). Deve-se ter em conta que, além desse tipo de correspondência ser, como já disse o narrador, comum a quem escreve em jornais ou revistas, não é a primeira vez, nem a segunda, que uma mulher vem “contar sua insatisfação na vida”. Mulheres solteiras, sozinhas ou, muitas vezes, casadas, que tiveram “experiência ruim com homem”, que “cultivam a lembrança de um amor infeliz”, que “andam pelas beiras da neurose” ou, ainda, mulheres que, melancólicas, sentem que estão “ficando à margem”. São estas as mulheres que escrevem sobre suas tristezas. É possível ainda que as queixas femininas digam respeito à ausência daquele amor em que se presume a “igualdade na doação e no recebimento emocionais.” (GIDDENS, 1993, p. 73). Pois, a “experiência ruim com homem”, que deixou a recordação de um amor infeliz, foi observada por Giddens ao dizer que os homens são “malequipados”, tanto no fato de não conseguirem responder ao “erotismo feminino” quanto, neste caso, segundo Hite (apud Giddens, 1993, p. 164), na disparidade de estima, respeito e de apoio emocional em seus relacionamentos.

A ânsia, vaga, de compreensão dessa missivista foi motivada, talvez, pelas falhas que normalmente ocorriam, e ainda ocorrem, nos casamentos. Este era concebido, por mulheres viúvas ou divorciadas, de acordo com uma pesquisa de Emily Hancock do final da década de 1980, citada em *A transformação da intimidade* de Giddens, como “o cerne da experiência da vida de uma mulher” (GIDDENS, 1993, p. 64); elas pensavam que “havia uma ligação quase inevitável entre o amor e o casamento.” (GIDDENS, 1993, p. 67). O que, de certa forma, não acontece, principalmente se lembrarmos da existência de “[...] casamento

por dinheiro, casamento por posição” (HABERMAS, 1984, p. 64). Não são somente as missivistas solitárias que possuem seus desgostos, suas lamentações; há aquelas que, segundo Braga, mesmo casadas, e talvez por isso, se sentem tão angustiadas quanto, pois “[...] a solidão não é uma questão de companhia, e a **solidão a dois** ainda parece ser das mais desoladas” (1997, p. 112, grifo nosso).

O eu do cronista frisa que, com a carta, não houve resultado algum, pois “o pior é que o resultado dessa ousadia [o envio da carta] é sempre o mesmo: nenhum” (BRAGA, 1997, p. 112); repetidas vezes o eu esclarece que nada pode fazer para ajudar, que não possui “nenhuma resposta útil” e nas vezes que cede algum conselho é hesitante: “penso **às vezes** em aconselhar um banho de mar, passear na chuva ou andar de roda-gigante.” (BRAGA, 1997, p. 112, grifo nosso). Existe o receio de se dizer determinadas coisas, mesmo em “palavras finas”, pois “pode parecer que a gente está caçoando da tristeza dos outros.” (BRAGA, 1997, 113). Após, há um momento em que o narrador diz que o melhor que se tem a fazer é escrever para outra mulher, para Rachel de Queiroz, por exemplo, pessoa “altamente inteligente e sensível”, ou para Martha Suplicy, “que entende de sexo” (BRAGA, 1997, 113). Antes de mais nada, lembraremos aqui que, no momento de publicação de “Acontece que Deus é grande”, outubro de 1990, Martha Suplicy era mais conhecida como sexóloga do que como uma política filiada ao Partido dos Trabalhadores. Será com Marta Suplicy e Rachel de Queiroz que as tristes senhoras receberão, enfim, “alguma palavra útil ou, pelo menos, consoladora”. É justamente nesse contexto que aspectos íntimos do eu da crônica serão expostos e “acessíveis a qualquer um”. O primeiro caso aparece como um auto-questionamento: “Que diabo poderá fazer o cronista, que não é padre nem analista, mas apenas um homem comum, de vida comumente também atrapalhada e triste, para ajudar alguém?” (BRAGA, 1997, p. 112). Temos, então, a exposição de como é a vida desse narrador: igualmente “atrapalhada e triste”. O segundo, mais sutil, seria sobre o não

entendimento de mulheres e dele próprio. Temos ainda, nos parágrafos finais, a predominância de pensamentos, ideias e crenças do eu que foram instigadas por uma missiva:

Não tenho sequer uma filosofia de vida ou, se tenho alguma, ela se resume no vago e banal consolo que é a idéia da morte. Confesso não ter religião, eu sou feliz com isso; a idéia de viver outra vida depois desta, e ainda por cima ligada a esta por um sistema de prêmios e castigos, me parece tediosa e cruel. Prefiro pensar que a morte é apenas um grande sossego e um perdão para todos: a solidão tão perfeita que não poderá sentir a si mesma. (BRAGA, 1997, p. 113).

Neste trecho, torna-se público algo que faz parte da intimidade do eu. Mostra-se a sua opinião sobre religião e morte, assuntos que, na maioria das vezes, são deixados de lado devido a suas complexidades e divergências. No penúltimo parágrafo, dedicado exclusivamente à religião e a outras formas de contenção social e censura, vê-se a delicada opinião de um narrador e, ao mesmo tempo, uma ostensiva crítica à censura religiosa: “Apenas me parece que às vezes [as religiões] cobram caro por isso ao longo da vida, envenenando com a idéia do pecado algumas das mais puras alegrias da criatura.” (BRAGA, 1997, p. 112). Vale lembrar que essa ideia aparece no início da crônica, quando escrever a um estranho torna-se “algo de pecaminoso”, porque talvez o conteúdo da carta, aos olhos dos outros, seja visto como indigno, inapropriado – pecado. A ideia também aparece no momento em que o narrador afirma não ser “padre nem analista”, como se somente essas duas pessoas, além de Raquel de Queiroz e Martha Suplicy, citadas posteriormente, pudessem ajudar estas “alminhas” desamparadas que tiveram suas pequenas e “puras alegrias” inundadas com a ideia do pecado, da censura; tendo em conta que é a própria carta “censurável”, por abordar exatamente “coisas que não devem ser ditas” nem ao padre nem ao analista e muito menos ao desconhecido cronista.

A impressão inicial da crônica é pessimista e isto se deve ao acúmulo de adjetivos que transmitem essa sensação; é o caso dos seguintes exemplos: solitária, triste, vaga, aflita, fechada, ruim, infeliz, pecaminoso, ridículo, censurável, comum, atrapalhada, banal, desolada, tediosa, cruel; a repetição de algumas dessas palavras se faz notar em forma de adjetivos como também na forma de substantivos. Porém, no final da crônica, temos uma leve noção encorajadora, por parte do narrador, como um último conselho:

O que, por mim, faço e – vá lá! – posso aconselhar às minhas missivistas é aceitar essas tristezas sem fazer nada para agravá-las; lutar sempre, e bravamente, por um pouco de beleza, de bondade, de alegria. E, mesmo sem acreditar em outro mundo, ou talvez por isso, repetir com convicção, com fé, que Deus é grande. (BRAGA, 1997, p. 114).

Para finalizar a análise da crônica, julga-se importante comentar a estruturação dos parágrafos: nos quatro primeiros, temos a prevalência de definições, descrições e pensamentos do outro, a missivista; nos parágrafos seguintes, salvo o último, há um eu que fala de si mesmo; já no fim, existe a união destes dois elementos: ela, a senhora e toda e qualquer mulher que lhe envia cartas, e o eu do cronista – nós: “De tudo concluiremos uma coisa velha: que a vida é triste.” (BRAGA, 1997, p. 113-14).

A segunda crônica que aqui se pretende analisar é “Aproveite sua paixão”. Ao contrário da primeira, quem agora mantém contato com o eu de Braga é um homem, mas não um homem qualquer: é um amigo desolado, um senhor “de muito uso e algum abuso” (BRAGA, 1988, p. 151). Vale lembrar que, como notou Giddens, a “idéia de que ‘os homens não conseguem amar’ é completamente falsa”, pois não são somente os homens que têm “dificuldades em relação à intimidade” (1993, p. 147). Tanto a senhora, de “Acontece que Deus é grande”, quanto o arruinado



senhor, buscam um conselho ou apoio emocional. O contato do outro com o eu foi realizado, em ambos os casos, através da escrita, possivelmente através de uma carta. Já no início, o eu faz uma revelação ao público-leitor – é tão velho quanto o seu amigo: “Não se trata de um rapaz, mas de **um senhor como eu**, de muito uso e algum abuso” (BRAGA, 1988, p. 151, grifo nosso).

É preciso recordar que o amigo e a senhora culta podem ser fictícios, mas, no caso desta crônica, crê-se que, além de real ou fictício, o amigo pode ser ainda uma máscara que o narrador utiliza para não falar de si mesmo. A invenção desse outro poderia ser justificada como um recurso; Vinicius de Moraes diz ser um “processo associativo” (1991, p. 17) quando “a crônica ‘não-baixa’” (1991, p.18). Acreditamos que nesta busca constante do cronista por assunto há momentos em que, sem saída, a opção é inventar um amigo, uma paixão impossível e conselhos que mais parecem ter sido retirados de uma revista feminina de dietas. Temos, logo no primeiro parágrafo, um fragmento da carta do “senhor desolado”; o homem apaixonou-se como há muito não ocorria, mas trata-se de uma paixão longa e perturbadora, demonstrada de maneira desagradável, chamada de “coisa”:

‘E isso’, diz ele, ‘da maneira mais inadequada e imprópria, pois o objeto de minha paixão é pessoa a respeito da qual não posso nem devo ter qualquer esperança, devido a circunstâncias especiais. A coisa já dura algum tempo, e tenho a impressão de que não passará nunca...’ (BRAGA, 1988, p. 151)

Verificamos ainda que o amigo, pelo menos na parte apresentada na crônica, não expõe alguns fatores dessa paixão desesperançosa; perguntas como estas não são respondidas: por que o amigo do eu da crônica não podia nem devia criar esperanças nessa paixão? quais são as “circunstâncias especiais” que impedem o desenvolvimento de um suposto

relacionamento? Mesmo que a carta demonstre abordar assuntos extremamente íntimos, pois lidam com as inquietações de um homem “vivido”, não há respostas, ao menos na crônica. O que possibilita diversas interpretações: não pode haver esperança porque a pessoa é casada, de classe social diferente ou, ainda, muito mais nova... Isto dá margem à ideia de que determinadas coisas devem continuar no âmbito privado.

Na crônica, há a presença de determinados trechos em que o narrador emprega meios para se aproximar de seu receptor, que é, em primeiro lugar, o senhor seu amigo e, em segundo, o próprio leitor, já que a crônica, ao ser publicada em jornal e revista, pode ser lida por diversos senhores irrequietos que, envergonhados, também buscam inconscientemente conselhos. Um dos meios é chamá-lo de “irmão”, igualando o amigo a um parente próximo. A partir daí, o eu começa a dar seus conselhos, primeiro dizendo que vai passar, a paixão “acaba passando”. Entretanto, o eu de Braga nem sempre é otimista; por vezes é realista a ponto de alertá-lo sobre possíveis males, pois ela, a paixão, pode sim durar mais do que o desejado. Temos, além da já dita aproximação por parentesco, uma tentativa, por parte do eu do cronista, de aproximar o seu receptor igualando, por exemplo, a idade: “como quase todo sujeito de **nossa** idade, você tem alguma barriga” (BRAGA, 1988, p. 152, grifo nosso). Com isso, percebemos ainda outra revelação, o eu, além de ser tão velho quanto o amigo, possui, assim como ele, certa barriguinha. Um outro meio que acreditamos aproximar os dois é o tom humorístico, de piada mesmo, da crônica; fazendo muitas vezes com que o desavisado leitor solte pequenos sorrisos.

Os sentimentos de desesperança do velho amigo do eu do cronista são demonstrados com clareza nos trechos em que sua fala é exposta. Muitos termos negativos e pessimistas são utilizados: apaixonou-se de maneira “inadequada” e “imprópria” e por uma pessoa por quem

não podia nem devia ter “qualquer esperança”; há a impressão de que a “coisa” “não passará nunca”, etc. Vale notar também que há, nesta crônica, um grande entendimento desse eu sobre a situação de seu amigo – compreende os sentimentos do outro e ajuda, aconselhando. Giddens, ao identificar as características, por assim dizer, do amor apaixonado (ou *amour passion*), diz que ele é encarado como algo perigoso, pois o *amour passion* é o “perturbador das relações pessoais [...]”; arranca o indivíduo das atividades mundanas e gera uma propensão às opções radicais e aos sacrifícios.” (1993, p. 48). O eu dessa crônica ainda completa observando que o tipo de paixão do amigo “tende a dilatar o estômago e ampliar o ventre, pois a inquietação constante faz com que a pessoa procure inconscientemente se distrair, bebendo e comendo.” (BRAGA, 1988, p. 152) – engordando, evidentemente. É a partir daí que os conselhos vão se concentrar no princípio de que os malefícios de uma paixão podem ser transformados em benefícios: “Aproveite sua paixão” para emagrecer, por exemplo. O narrador diz que a obesidade agravará os seus sentimentos, pois a angústia e os sofrimentos do apaixonado aumentam na proporção direta dos quilos, salientando que as sensações de fome e vazio provocadas pelo regime trariam, primeiramente, a infelicidade e que ela deveria ser pensada como um produto dessa paixão inadequada. O eu da crônica aconselha diversas formas e cede exemplos da maneira que o senhor deverá se comportar em sua dieta – na praia, no bar, no dia-a-dia. Acrescenta que é necessário “não beber para lembrar”, porque “do ponto de vista sentimental é mais digno – e descansa o fígado” (BRAGA, 1988, p. 152). Não há apenas a preocupação com a saúde sentimental do amigo. Há a preocupação com o fígado, com a gordura. As ausências alimentares, de acordo com o narrador, ajudariam a “esquecer” o ser amado, pois é privando-se de coisas prazerosas que, gradativamente, ele se tornará o culpado por todas essas infelicidades e comedimentos. Afinal de contas, após uma “copiosa feijoada qualquer pessoa tem uma tendência sonolenta a não sofrer” (BRAGA, 1988, p. 152). Contendo seu impulso alimentar, o amigo conterà também o prolongamento de sua

paixão. Assim, acreditamos que a dieta trará dois principais benefícios: a consequência mais esperada é quando a paixão, assim como o citado café sem açúcar, torna-se amarga; já a segunda seria a supressão da barriga. O eu, com a crônica, incentiva seu amigo no fato de que uma paixão arrasadora pode ter lá seus benefícios – devemos aproveitá-la e não sofrer por ela.

O eu mostrará ser, nesta crônica, experiente no assunto, em esquecer uma paixão sem que haja esperança de que ela dê certo. Pensamos que as liberdades e a ausência de hesitações tenham ocorrido pelo fato de que o narrador se dirige a um homem e não a uma mulher; é clara a diferença entre uma crônica e outra, tanto na linguagem adotada, fluida e sem embaraços, quanto na posição, evidentemente superior, do narrador de “Aproveite sua paixão”. Tudo, segundo recomendações do eu, deve ser entendido, em decorrência de seus sentimentos, como homenagem ou sacrifício à amada: o “chopinho”, o “caju amigo”, a “copiosa feijoada”, as “verduras e legumes” e, principalmente, o “café amargo”; pois são alguns desses conselhos que tornarão “a imagem do ser amado [...] ligeiramente odiosa” (BRAGA, 1988, p. 153).

Alimente-se exclusivamente de verduras e legumes sem tempero. Isso lhe dará, ao fim de cada refeição, uma desagradável sensação de fome e vazio. Você se sentirá muito infeliz. Aproveite então para pensar que essa infelicidade é produzida pela sua paixão. (BRAGA, 1988, p. 152)

Este é mais um dos conselhos que nos remetem a revistas femininas de regime e assim como elas o eu do cronista é animador, afinal: “Bola em frente, meu irmão.” (BRAGA, 1988, p. 153).

## REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR., Davi. "Fragmentos sobre a crônica". In: \_\_\_\_\_. **Enigma e comentário**: ensaio sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 51-66.

\_\_\_\_\_. "Onde andar o velho Braga?". In: \_\_\_\_\_. **Outros achados e perdidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 148-54.

BRAGA, Rubem. "Aproveite sua paixão". In: \_\_\_\_\_. **As boas coisas da vida**. 4ª.ed. Rio de Janeiro: Record, 1988. p. 151-53.

\_\_\_\_\_. "Acontece que Deus é grande". In: \_\_\_\_\_. **Um cartão de Paris**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 111-14.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura brasileira**: história e antologia III. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964. p. 358-71.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Ed. Unesp, 1993.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

MORAES, Vinicius de. O exercício da crônica. In: \_\_\_\_\_. **Para viver um grande amor**: crônicas e poemas. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 17-18.